

CONFERÊNCIA

LIÇÃO INAUGURAL DA CADEIRA DE HISTÓRIA
DA CIVILIZAÇÃO MODERNA DO COLÉGIO DE
FRANÇA, PRONUNCIADA NO DIA 1.º DE
DEZEMBRO DE 1950 (*).

Senhor Administrador.

Caros Colegas.

Senhoras e Senhores.

A História encontra-se hoje perante responsabilidades tão temerosas quanto exaltantes. Sem dúvida porque ela nunca deixou, no seu ser e nas suas transformações, de depender de condições sociais concretas. “A História é filha do seu tempo”. A sua inquietação é pois a própria inquietação que pesa sobre os nossos corações e os nossos espíritos. E, se os seus métodos, os seus programas, as suas respostas as mais definidas e as mais seguras ainda ontem, se os seus conceitos desmoronam todos ao mesmo tempo, é sob o pêso das nossas reflexões, do nosso trabalho e, mais ainda, das nossas experiências vividas. Ora estas experiências, durante êstes últimos quarenta anos, foram particularmente cruéis para todos os homens; atiraram-nos, com violência, para aquilo que há de mais profundo em nós mesmos e, para além disto, para o destino de conjunto dos homens, isto é, para os problemas cruciais da História. Ocasão de nos lamentar, de sofrer, de pensar, de pôr forçosamente tudo em questão. Aliás, por que razão a arte frágil de escrever a História escaparia à crise geral da nossa época? Abandonamos um mundo sem ter sempre tido tempo de conhecer ou mesmo de apreciar os seus benefícios, os seus erros, as suas certezas e os seus sonhos — o mundo do primeiro século XX. Deixemô-lo, ou melhor, êle escapa-se, inexoravelmente, diante de nós.

(*) — Tradução de Margarida e Joaquim Barradas de Carvalho (Nota da Redação).

As grandes catástrofes se não são forçosamente as obreiras, são seguramente as anunciadoras infalíveis das revoluções reais, e sempre uma intimativa que obriga a pensar, ou melhor, a repensar o universo. Da tormenta da grande Revolução Francesa, que, durante anos, foi tôda a história dramática do mundo, nasce a meditação do Conde de Saint-Simon, depois as dos seus discípulos inimigos, Auguste Comte, Proudhon, Karl Marx, que não deixaram, desde então, de atormentar os espíritos e os raciocínios dos homens... Pequeno exemplo mais próximo de nós: durante o inverno que se segue à guerra franco-alemã de 1870-1871, que testemunho mais protegido que Jacob Bourckhardt na sua cara Universidade de Basiléia! E, no entanto, a inquietação visita-o, uma necessidade de grande História o instiga. Nesse semestre o seu curso versa sôbre a Revolução Francesa. Ela não é, declara numa justíssima profecia, senão um primeiro ato, um levantar de pano, o instante inicial de um ciclo, de um século de revoluções, destinado a durar... Século interminável, na verdade, e que marcará com os seus traços vermelhos a estreita Europa e o mundo inteiro. Uma longa trégua, no entanto, abrir-se-ia para o Ocidente, de 1871 a 1914. Mas quem diria que êstes anos, relativamente pacíficos, quase felizes, iriam progressivamente diminuir a ambição da História, como se a História para estar alerta tivesse necessidade, eternamente, do sofrimento e da insegurança flagrante dos homens.

Posso dizer-vos com que emoção li, em 1943, a última obra de Gaston Roupnel, **Histoire et Destin**, livro profético, alucinado, meio perdido no sonho, mas penetrado de tanta piedade pelo "sofrimento dos homens". Êle havia de escrever-me mais tarde:

"Comecei (êste livro) logo nos primeiros dias de julho de 1940. Acabava de ver passar, na minha aldeia de Grevey-Chambertin, pela estrada nacional, as vagas do êxodo, do doloroso êxodo, os pobres seres humanos, os carros, as carroças, as pessoas a pé, lamentável humanidade, tôda a miséria das estradas e, tudo isto misturado com tropas, soldados sem armas... Este imenso pânico, era a França!... Na minha velhice, aos infortúnios irremediáveis da vida privada, acrescentava-se o sentimento do infortúnio público, nacional...".

Mas, ao vento da desgraça, ao vento das últimas meditações de Gaston Roupnel, a História, a grande, a aventureira His-

tória tornava a partir, com tôdas as velas pandas. Michelet tornava-se de nôvo o seu Deus:

“parece-me, escrevia-me êle ainda, o gênio que enche a História”.

A nossa época é muito rica em catástrofes, em revoluções, em golpes de teatro, em surpresas. A realidade do social, a realidade profunda do homem descobre-se nova aos nossos olhos, e, queiramô-lo ou não, o nosso velho mister de historiador não cessa de brotar e de reflorescer nas nossas mãos... Quantas modificações! Todos os símbolos sociais, ou quase todos — e alguns pelos quais nós estaríamos ainda ontem dispostos a morrer sem muito discutir — esvaziaram-se do seu conteúdo. A questão está em saber se nos será possível, não viver, mas viver e pensar pacificamente sem os seus pontos de referência e a luz dos seus faróis. Todos os conceitos intelectuais se infletiram ou romperam. A ciência, sôbre a qual, profanos, nós nos apoiamos mesmo sem o saber, a ciência, êste refúgio e esta nova razão de viver do século XIX, transformou-se, de um dia para o outro, brutalmente, para renascer com uma vida diferente, prestigiosa, mas instável, sempre, em movimento, mas inacessível, e nós não teremos, sem dúvida jamais o tempo nem a possibilidade de restabelecer com ela um diálogo conveniente. Tôdas as ciências sociais, inclusive a História, evoluíram igualmente, de maneira menos espetacular, mas não menos decisiva. Um mundo nôvo, porque não uma nova História?

*

* *

Também evocaremos com ternura e um pouco de irreverência os nossos mestres de ontem e de ante-ontem. Que nos perdoem! Vejamos o limitado livro de Charles-Victor Langlois e de Charles Seignobos, esta **Introduction aux études historiques**, aparecida em 1897, hoje sem projeção, mas, ontem e durante longos anos, obra decisiva. Espantoso ponto de paragem. Dêste livro longínquo, atulhado de princípios e de miúdas recomendações, desprender-se-ia sem muita dificuldade, um retrato de historiador, no comêço dêste século. Imaginai um pintor, um paisagista. Diante dêle, árvores, casas, colinas, estradas, tôda uma paisagem tranqüila. Tal a realidade do passado, em face do historiador — uma realidade verificada, limpa, reconstruída. Desta paisagem, nada devia escapar ao pintor, nem êstes arbustos, nem êste penacho de fumo... Nada omitir: ou melhor, o pintor esquecerá a sua própria pes-

soa, porque o ideal seria suprimir o observador, como se fôsse preciso surpreender a realidade sem a espantar, como se a História, fora das nossas reconstruções, tivesse de ser apreendida à nascença, no estado de material bruto, de fatos puros. O observador é fonte de erros, contra êle a crítica deve estar vigilante.

“O instinto natural de um homem na água, escrevia sem sorrir Charles-Victor Langlois, é fazer tudo o que é preciso para se afogar; aprender a nadar, é adquirir o hábito de reprimir os movimentos espontâneos e executar outros. Da mesma maneira, o hábito da crítica não é natural; é preciso que seja inculcado, e só se torna orgânico através de exercícios repetidos. Assim, o trabalho histórico é um trabalho crítico por excelência; quando nos lançamos nêle sem estar prevenidos antecipadamente contra o instinto, afogamo-nos”.

Nada temos a dizer contra a crítica dos documentos e materiais da História. O espírito histórico é crítico na sua base. Mas é também, para além das prudências inerentes, reconstrução, o que Charles Seignobos soube dizer, com a sua aguda inteligência, em dois ou três passos. Mas, após tantas precauções, bastaria isso para preservar o ímpeto necessário à História?

Certamente, se nós fôssemos mais longe, nesta volta atrás, se nos dirigíssemos, desta vez, a grandes espíritos, um Cournot, um Paul Lacombe, êstes precursôres — ou a grandes historiadores, um Michelet sobretudo, um Ranke, um Jacob Burckhardt, um Fustel de Coulanges, o seu gênio impedir-nos-ia de sorrir. No entanto excetuando talvez Michelet, sempre êle, o maior de todos, no qual há tantos clarões e prenúncios geniais — no entanto, não é menos verdadeiro que as suas respostas não se conjugariam nada com as nossas perguntas: como historiadores de hoje, temos o sentimento de pertencer a uma outra idade, a uma outra aventura do espírito. Sobre tudo o nosso mister não nos parece mais esta emprêsa calma, segura, com justos prêmios atribuídos apenas ao trabalho e à paciência. Já não possuímos esta certeza de ter cingido tôda a matéria da História a qual só esperaria a nossa coragem aplicada para se nos entregar. Seguramente, nada é mais estranho ao nosso pensamento que esta observação do jovem Ranke, em 1817, quando, numa apóstrofe entusiástica a Goethe, falava com fervor

“do terreno sólido da História”.

II

É uma tarefa difícil — condenada antecipadamente — dizer nalgumas palavras aquilo que verdadeiramente mudou no domínio dos nossos estudos, e sobretudo como e porquê a mudança se operou. Solicitam-nos mil detalhes. Albert Thibaudet pretendia que as verdadeiras transformações são sempre simples no plano da inteligência. Então, onde se situa esta pequena coisa simples, esta inovação eficaz? Não certamente nesta falência da Filosofia da História, preparada desde há muito e em relação à qual ninguém, antes mesmo do começo deste século, aceitava mais as ambições e as conclusões apressadas. Nem tão pouco na bancarrota de uma História-ciência, aliás apenas esboçada. Não havia ciência, dizíamos ontem, senão aquela que fôsse capaz de prever: ela devia ser profética ou não existir... Hoje diríamos que nenhuma ciência social, incluindo a História, é profética, e por conseguinte, segundo as regras antigas do jôgo, nenhuma delas teria direito ao belo nome de ciência. Aliás, só haveria profecia, notêmo-lo bem, se houvesse continuidade da História, o que os sociólogos, embora não todos os historiadores, põem violentamente em dúvida. Mas para que discutir sobre esta palavra pouco límpida de ciência, e sobre todos os falsos problemas que dela derivam? Seria igual metermo-nos no debate, mais clássico, mas mais estéril ainda, da objetividade e da subjetividade em História, do qual não sairemos enquanto os filósofos, talvez por hábito, nêle se comprazam, enquanto não tiverem a coragem de perguntar se as ciências as mais gloriosas do real não são, também elas, objetivas e subjetivas ao mesmo tempo. Para nós que nos resignaríamos sem esforço a não crer na obrigação da antítese, afastaríamos de boa vontade deste debate as nossas habituais discussões de método. Não é entre pintor e quadro, ou mesmo, audácia que pareceria excessiva, entre quadro e paisagem que se situa o problema da História, mas sim na própria paisagem, no coração da vida.

Como a própria vida, a História surge-nos como um espetáculo fugidio, que se move, feito do entrelaçamento de problemas inextricavelmente misturados e que pode tomar, sucessivamente cem aspectos diversos e contraditórios. Esta vida complexa, como abordá-la e dividi-la para poder surpreendê-la ou pelo menos extrair dela alguma coisa? Numerosas tentativas poderiam desencorajar-nos antecipadamente.

Desta maneira, não acreditamos mais na explicação da História por tal ou tal fator dominante. Não há história unilateral. Não a dominam exclusivamente, nem o conflito das raças cujos choques ou acôrdo teriam determinado todo o passado dos homens; nem os poderosos ritmos econômicos, fatores de progresso ou de desastre; nem as constantes tensões sociais; nem êste espiritualismo difuso de um Ranke pelo qual se sublimam, para êle, o indivíduo e a vasta História geral; nem o reinado da técnica; nem o crescimento demográfico, êste crescimento vegetal com as suas conseqüências ao retardador sôbre a vida das coletividades... O homem é muito mais complexo.

No entanto, estas tentativas para reduzir o múltiplo ao simples ou ao quase simples, representaram desde há mais de um século, um enriquecimento sem precedente dos nossos estudos históricos. Colocaram-nos progressivamente no caminho do ultrapassamento do indivíduo e do acontecimento, ultrapassamento previsto com muito tempo de avanço, pressentido, entrevisto, mas que, na sua plenitude, acaba de realizar-se sòmente perante nós. Ali está, talvez, o passo decisivo que implica e resume tôdas as transformações. Não negamos, entretanto, a realidade dos acontecimentos ou o papel dos indivíduos, o que seria pueril. Seria preciso ainda fazer notar que o indivíduo é, muitas vêzes, na História, uma abstração. Não existe na realidade viva, um indivíduo fechado em si mesmo; tôdas as aventuras individuais se fundem numa realidade mais complexa, a do social, uma realidade "entrecruzada", como diz a sociologia. O problema não consiste em negar o individual sob pretexto que êle é cheio de contingências, mas sim em ultrapassá-lo, em distingui-lo das fôrças diferentes dêle, em reagir contra uma História arbitrariamente reduzida ao papel dos heróis elevados à quintessência: não acreditamos no culto de todos êstes semi-deuses, ou, mais simplesmente, somos contra a orgulhosa frase unilateral de Treitschke:

"Os homens fazem a História".

Não, a História faz também os homens e molda o seu destino — a História anônima, profunda e muitas vêzes silenciosa, da qual é necessário agora abordar o incerto mas imenso domínio.

*
* *

A vida, a História do mundo, tôdas as histórias particulares apresentam-se-nos sob a forma de uma série de acontecimentos: entendei, de atos sempre dramáticos e breves. Uma batalha, um encôntro de homens de Estado, um discurso importante, uma carta capital, são instantâneos de História. Lembro-me, uma noite, perto da Bahia, de ter sido envolvido por um fogo de artifício de luciolos fosforescentes; as suas luzes pálidas rebentavam, apagavam-se, brilhavam de nôvo, sem perfurar a noite com verdadeiros clarões. Tal como os acontecimentos: para além do seu clarão, a obscuridade fica vitoriosa. Uma outra recordação permitir-me-á de abreviar ainda o meu raciocínio. Há uma vintena de anos, na América, um filme, anunciado há muito, produzia uma sensação sem igual. Nem mais nem menos que o primeiro filme autêntico, dizia-se, sôbre a Grande Guerra, que se tornou desde então, lamentavelmente, na primeira Guerra Mundial. Durante mais de uma hora, foi-nos dado reviver as horas difíceis do conflito, assistir a cinqüenta revistas militares, passadas, umas pelo rei Jorge V de Inglaterra, outras pelo rei dos Belgas ou pelo rei da Itália, ou pelo imperador da Alemanha, ou pelo nosso presidente Raymond Poincaré. Foi-nos dado assistir à saída das grandes conferências diplomáticas e militares, a todo um desfile de pessoas ilustres, mas esquecidas, que tornava ainda mais fantasmagórico e irreal o ritmo abrupto do cinema dêstes anos longínquos. Quanto à verdadeira guerra, era representada por três ou quatro trocagens e explosões fictícias: um cenário.

O exemplo é sem dúvida excessivo, como todos os exemplos que queremos carregados de ensinamentos. Confessai, no entanto, que muitas vêzes são estas débeis imagens que do passado e do suor dos homens nos oferece a crônica, a História tradicional, a História narrativa, cara a Ranke... Clarões, mas indecisos; fatos, mas sem humanidade. Notai que esta História narrativa tem sempre a pretensão de dizer "as coisas como elas na realidade se passaram". Ranke acreditou profundamente nesta frase quando a pronunciou. Na realidade, apresenta-se como uma interpretação, de certo modo subreptícia, como uma autêntica Filosofia da História. Para ela, a vida dos homens é dominada por acidentes dramáticos; pelo jôgo dos seres excepcionais que aí surgem, donos muitas vêzes do seu destino e mais ainda do nosso. E, quando ela fala de "História geral", é finalmente no entrecruzamento dêstes destinos excepcionais que ela pensa, porque é bem preciso que cada herói conte com um outro herói. Falaciosa ilusão, todos nós o sabe-

mos. Ou digamos, mais equitativamente, visão de um mundo demasiado estreito, familiar à força de ter sido prospectado e pôsto em causa, onde o historiador se compraz em fazer uma fortuna principesca — um mundo, além disso, arrancado do seu contexto, em que poderíamos crer de muito boa fé que a História é um jôgo monótono, sempre diferente, mas sempre semelhante, como as mil combinações das figuras de xadrez, um jôgo que põe em causa situações sempre análogas, sentimentos sempre os mesmos, sob o signo de um eterno e impiedoso retôrno das coisas.

*

* *

A tarefa está justamente em ultrapassar esta margem primeira da História. E' necessário abordar, **nelas mesmas e por elas mesmas**, as realidades sociais. Entendo por isto tôdas as formas largas da vida coletiva, as economias, as instituições, as arquiteturas sociais, as civilizações enfim, estas sobretudo — tôdas realidades que os historiadores de ontem, certamente, não ignoraram, mas que, salvo espantosos precursores, viram demasiadas vêzes, como um pano de fundo disposto sômente para explicar, ou como se quiséssemos explicar as ações de indivíduos excepcionais à volta dos quais o historiador gira com satisfação.

Erros imensos de perspectiva e de raciocínio, pois que o que nós pretendemos ligar desta maneira, e inscrever no mesmo quadro, são movimentos que não têm nem a mesma duração, nem a mesma direção, uns que se integram no tempo dos homens, o da nossa vida breve e fugitiva, outros neste tempo das sociedades para quem um dia, um ano não significam grande coisa, para quem, algumas vêzes, um século inteiro não é senão um instante da duração. Entendamo-nos: não há um tempo social de um só e simples jato, mas um tempo social com mil velocidades, mil lentidões que não têm quase nada a ver com o tempo jornalístico da crônica e da História tradicional. Acredito assim na realidade de uma História particularmente lenta das civilizações, nas suas profundezas abissais, nos seus traços estruturais e geográficos. Certo, as civilizações são mortais, nas suas florações mais preciosas; certo, elas brilham, depois apagam-se, para reflorescer sob outras formas. Mas estas rupturas são mais raras, mais espaçadas do que nós não o pensamos. E sobretudo, não destroem tudo igualmente. Quero dizer que, em tal ou tal área de civilização, o conteúdo social

pode renovar-se duas ou três vezes quase inteiramente sem atingir certos traços profundos de estrutura que continuarão a distingui-la fortemente das civilizações vizinhas. Há, se quisermos, mais lenta ainda que a história das civilizações, quase imóvel, uma história dos homens nas suas relações estreitas com a terra que os suporta e os alimenta; é um diálogo que não cessa de se repetir, que se repete para durar, que pode mudar e muda em superfície, mas que prossegue, tenaz, como se estivesse fora do alcance e da mordedura do tempo.

III

Se não me engano, os historiadores começam, hoje, a tomar consciência de uma História nova, de uma História pesada cujo tempo já não se conjuga com as nossas antigas medidas. Esta História não se lhes oferece como uma descoberta fácil. Cada forma de História implica, com efeito, uma erudição que lhe corresponde. Poderei dizer que todos aquêles que se ocupam dos destinos econômicos, das estruturas sociais e dos múltiplos problemas, muitas vezes de mínimo interesse, das civilizações, se encontram em face de pesquisas em comparação com as quais, os trabalhos dos eruditos os mais conhecidos do século XVIII e mesmo do século XIX nos parecem de uma espantosa facilidade? Uma História nova não é possível senão pelo enorme trabalho de procura de uma documentação que responda a estas novas questões. Duvido mesmo que o habitual trabalho artesanal do historiador esteja à medida das nossas ambições atuais. Com o perigo que isto possa representar e as dificuldades que a solução implica, não há salvação fora dos métodos do trabalho de equipe.

Portanto todo um passado a reconstruir. Tarefas intermináveis se nos propõem e se nos impõem, até para as realidades mais simples destas vidas coletivas: quero dizer os ritmos econômicos de breve duração da conjuntura. Eis, bem identificada em Florença, uma crise acentuada de recuo, entre 1580 e 1585, destinada a dar-se, e depois a extinguir-se rapidamente. Pesquisas em Florença, e à volta de Florença, são indícios tão claros desse fenômeno, quanto os repatriamentos de mercadores florentinos abandonando então a França e a Alta-Alemanha e às vezes, abandonando os seus comércios para comprarem terras na Toscana. Esta crise, tão nítida à primeira auscultação, seria necessário diagnosticá-la melhor, estabelecê-la cientificamente através de séries coerentes de pre-

ços, trabalho êste ainda local — mas a questão põe-se imediatamente em saber se a crise é toscana ou geral. Encontramô-la rapidamente em Veneza, encontramô-la fàcilmente em Ferrara... Mas até onde fêz ela sentir os seus rápidos efeitos? Não podemos definir a sua natureza sem conhecer a sua área exacta. Então, será preciso que o historiador se ponha a caminho de todos os Arquivos da Europa, a fim de investigar séries ordinariamente ignoradas pela erudição? Interminável viagem! pois tudo lhe resta a fazer. Para cúmulo do embaraço, êste historiador preocupa-se com a Índia e com a China e pensa que o Extremo Oriente comandou a circulação dos metais preciosos no século XVI, e, a partir daí, o ritmo completo da vida econômica mundial — êste historiador nota que a êstes anos de penúria florentinos correspondem, com umas diferenças mínimas de tempo, anos acidentados no Extremo Oriente para o comércio das especiarias e da pimenta. Das fracas mãos portuguesêsas, êste é então retomado pelos hábeis negociantes mouros e além dêstes velhos rotineiros do Oceano Índico e da Sonda ,pelos caravaneiros da Índia, tudo sendo engolido finalmente pela Alta Ásia e a China... Por si própria, a pesquisa, nestes domínios tão simples, acaba de dar a volta ao mundo.

Justamente preocupo-me, com alguns jovens historiadores, em estudar a conjuntura geral do século XVI, e espero falar-vos dela num dia próximo. Será necessário dizer-vos, a êste propósito, que é ainda o mundo inteiro que se impõe à nossa atenção? A conjuntura do século XVI, não é somente Veneza, ou Lisboa, Antuérpia ou Sevilha, Lião ou Milão, é ainda a complexa economia do Báltico, os velhos ritmos do Mediterrâneo, as importantes correntes do Atlântico e as do Pacífico, dos ibéricos, dos juncos chineses e esqueço propositadamente muitos elementos. Mas acrescentarei ainda que a conjuntura do século XVI, é também de um lado o século XV e do outro o século XVII; não é somente o movimento de conjunto dos preços, mas também o feixe diversificado dêstes preços e a sua comparação, uns acelerando-se mais do que outros. Sem dúvida é verossímil que os preços do vinho e dos bens de raiz tenham precedido então todos os outros na sua corrida regular. Assim se explicaria, aos nossos olhos, de que maneira a terra sugou, se assim o podemos dizer, atraiu, imobilizou, a fortuna dos novos ricos. Todo um drama social. Por aí se explicaria também esta civilização invasora, obstinada, da vinha e do vinho: os preços comandam, então crescem estas frotas de navios carregados de tonéis, em direção do Norte, a partir

de Sevilha, das costas portuguezas ou da Gironda; então crescem paralelamente êstes rios de carroças, os **carretoni**, que, pelo Brenner, trazem todos os anos, à Alemanha, os vinhos novos do Frioul e da Venécia, êstes vinhos turvos que o próprio Montaigne ali saboreou com prazer...

A História das técnicas, a simples História das técnicas, para além de pesquisas incertas, minuciosas, sempre interrompidas, porque o fio parte-se demasiadas vêzes entre os nossos dedos, ou, se assim quizerem, os documentos a serem interrogados faltam-nos bruscamente, esta História das técnicas — repito — descobre-nos, ela também, paisagens demasiado vastas, põe-nos problemas demasiado amplos... No século XVI, o Mediterrâneo, o Mediterrâneo tomado em bloco, conheceu tôda uma série de dramas técnicos. Instala-se então a artilharia sôbre a ponte estreita dos barcos, no entanto, com que lentidão. Transmitem-se então os seus segredos para os altos países do Nilo ou para o interior do Próximo Oriente. De cada vez, pesadas conseqüências dali resultam... Então, outro drama mais silencioso: dá-se uma lenta e curiosa diminuição das tonelagens marítimas. Os cascos tornam-se cada vez mais reduzidos e leves. Veneza e Ragusa são as pátrias dos grandes cargueiros: os seus veleiros de carga vão até mil toneladas e mais. São os grandes corpos flutuantes do mar. Mas um tal luxo depressa se torna demasiado oneroso para Veneza. Em detrimento dos gigantes do mar assiste-se por tôda a parte ao triunfo dos pequenos veleiros, gregos, provençais, marseheses, ou nórdicos. Em Marselha, é a hora vitoriosa das tartanas, das frechas, dos navios minúsculos. Caberiam na palma da mão; raramente ultrapassam cem toneladas. Mas, na prática êstes navios de algibeira fazem as suas provas. O menor vento os empurra; entram em todos os portos; carregam em alguns dias, em algumas horas, enquanto que os navios de Ragusa levam semanas e meses a engulir as suas cargas.

Que um dêesses grandes cargueiros ragusanos tenha a sorte de apoderar-se de um leve navio marsehês, se aproprie da sua carga e, deitando à água a tripulação, faça desaparecer num instante o navio rival, êste incidente ilustra, por um momento, a luta dos grandes contrz os pequenos esquifes do mar. Mas enganar-nos-íamos se acreditássemos o conflito circunscrito ao Mar Interior. Grandes e pequenos se chocam e se devoram nos sete mares do mundo. No Atlântico, a sua luta é a maior luta do século. Invadirão os ibéricos a Inglaterra? E' o problema que se põe antes, durante, e após a Invencível

Armada. Os nórdicos irão sôbre a Península, e temos a expedição contra Cadiz, ou irão sôbre o Império dos ibéricos, e é Drake e Cavendish e tantos outros... Os ingleses dominam a Mancha. Os ibéricos, Gibraltar. Qual destas supremacias é a mais vantajosa? Mas sobretudo quem vencerá as pesadas caracas portuguesas, os enormes galeões espanhóis, ou os finos veleiros do Norte, 1.000 toneladas de um lado, 200, 100, 50 às vêzes, do outro? Luta muitas vêzes desigual, ilustrada por essas gravuras da época que mostram um dos gigantes ibéricos cercado por uma nuvem de cascos liliputianos. Os pequenos perseguem os grandes, crivam-nos de golpes. Quando tomam conta dêles, tiram-lhes o ouro, as pedras preciosas, alguns fardos de especiarias, depois queimam a enorme e inútil carcassa... Mas residirá o sentido desta história apenas neste resumo demasiado claro? Se a resistência ibérica continua, é apesar de tudo porquê passam, mais ou menos incólumes, guiados pela mão de Deus, dizem os genoveses, os comboios de galeões que vão para as Antilhas e de lá voltam carregados de prata; é que as minas do Nôvo Mundo continuam ao serviço dos donos ibéricos... A História dos navios não é uma História isolada. Ela tem de ser inserida entre as outras Histórias que a rodeiam e a sustentam. Desta maneira, a verdade, sem se furtar, uma vez mais nos escapa.

Todo o problema concreto, repito-o, não para de se complicar, de crescer em superfície e em espessura, de abrir interminavelmente novos horizontes de trabalho... Terei ocasião de voltar ao assunto a propósito dessa vocação imperial do século XVI sôbre a qual hei-de falar-vos êste ano e que não deve, como certamente o suspeitais, ser atribuída exclusivamente ao século XVI. Nunca nenhum problema se deixa circunscrever num só quadro.

Se deixarmos o domínio do econômico, da técnica, pelo das civilizações, que sonharmos com estas insidiosas, quase invisíveis fendas, que num século ou dois, se tornam profundas rupturas para além das quais tudo muda na vida e na moral dos homens, se imaginarmos essas prestigiosas revoluções internas, então o horizonte, ainda indeciso, alarga-se e complica-se com mais intensidade. Um jovem historiador italiano, após pacientes pesquisas, teve a intuição de que a idéia da morte e a representação da morte mudam completamente por meados do século XVI. Um profundo fosso se cava então: a uma morte celeste, virada para o além — e calma — porta largamente aberta que todo o homem (a sua alma e o seu corpo

quase inteiro) transpõe sem excessiva angústia prévia, a esta morte serena substitui-se uma morte humana, já sob o primeiro signo da razão. Resumo mal o apaixonante debate. Mas que esta morte nova, lenta a mostrar a sua verdadeira face, nasça, ou pareça nascer com muita antecedência nos complexos países renanos, eis algo que orienta o inquérito, e nos põe em contacto com esta história silenciosa, mas imperiosa, das civilizações. Então navegaremos para além do habitual quadro da Reforma, não sem hesitações aliás, no entanto, à fôrça de precauções e de pacientes pesquisas. Será preciso ler os livros de devoção e os testamentos, coleccionar os documentos iconográficos, ou nas cidades, boas guardiãs dos seus papéis, como em Veneza, consultar os papéis dos **Inquisitori contra Bestemie**, êstes “arquivos negros” do contrôle dos costumes, de impraescribível valor.

*

* * *

Mas não basta, sabemô-lo todos, refugiar-se nesta necessária e interminável prospecção de materiais novos. E' preciso submeter êstes materiais a métodos. E' evidente que êstes métodos, pelo menos alguns dêles, variam de um dia para o outro. Daqui a dez ou vinte anos, os nossos métodos em economia, em estatística, terão provavelmente perdido o seu valor, ao mesmo tempo que os nossos resultados, contestados, serão deitados por terra: o destino de estudos relativamente recentes aí está para o demonstrar. Estas informações, êstes materiais, é preciso também levantá-los, repensá-los à medida do homem e, para além das suas precisões, trata-se, se possível, de reencontrar a vida: mostrar como as suas fôrças se ligam, se acotovelam ou se chocam, como também, muitas vêzes, misturam as suas águas furiosas. Nada omitir, para tudo reconstituir no quadro geral da História, a fim de que sejam respeitadas, apesar das dificuldades, as antinomias e as contradições intrínsecas, a unidade da História que é a unidade da vida.

Tarefas demasiado pesadas, podereis dizer. Pensamos sempre nas dificuldades do nosso mister; sem querer negá-las, não será possível assinalar, por uma vez, as suas insubstituíveis comodidades? Ao primeiro exame, não poderemos destacar o essencial de uma situação histórica, no seu processo de desenvolvimento? Das fôrças em combate, conhecemos aquelas que vencerão, discernimos com antecipação os acontecimentos im-

portantes, “aquêles que terão conseqüências”, aos quais pertence o futuro. Imenso privilégio! Quem saberia, na trama dos acontecimentos da vida atual, distinguir com a mesma segurança o duradouro do efêmero? Ora, esta distinção situa-se no coração da pesquisa das ciências sociais, no coração do conhecimento, no coração dos destinos do homem, na zona dos seus problemas capitais... Como historiadores entramos sem custo neste debate. Quem negará, por exemplo, que a imensa questão da continuidade e da discontinuidade do destino social, que os sociólogos discutem, não seja, em primeiro lugar, um problema de História? Se grandes cortes dividem em pedaços os destinos da humanidade, se, após êsses cortes, tudo se repõe em termos novos e que nada mais valha dos nossos utensílios ou dos nossos pensamentos de ontem — a realidade dêstes cortes releva da História. Há, ou não, excepcional e breve coincidência entre todos os tempos variados da vida dos homens? Problema imenso que nos pertence. Tôda a progressão lenta se acaba um dia, o tempo das verdadeiras revoluções é também o tempo que vê florescer as rosas.

IV

Senhoras, Senhores,

A História foi levada a estas paragens, talvez perigosas, pela própria vida. Já disse que a vida é a nossa escola. Mas a História não foi a única a compreender as suas lições, e tendo-as compreendido, a tirar delas conseqüências. Na realidade, ela aproveitou, antes de mais, do surto vitorioso das jovens ciências humanas, mais sensíveis ainda que ela própria às conjunturas do presente. Vimos nascer, renascer ou desabrochar, nos últimos cinqüenta anos, uma série de ciências humanas, imperialistas e, sempre o seu desenvolvimento significou para nós, historiadores, choques, complicações, e finalmente imensos enriquecimentos. A História é talvez a maior beneficiária dêstes progressos recentes.

*

* * *

Será necessário falar longamente da sua dívida para com a geografia, ou para com a economia política, ou ainda a sociologia? Uma das obras mais fecundas para a História, talvez mesmo a mais fecunda de tôdas, terá sido a de Vidal de la Blache, historiador de origem, geógrafo por vocação. Direi de boa von-

tade que o **Tableau de la géographie de la France**, aparecido em 1903, no limiar da grande **História de França** de Ernest Lavisse, é uma das obras mestras não somente da escola geográfica, mas também da escola histórica francesa. Bastará uma palavra, também, para assinalar quanto a História é devedora à obra capital de François Simiand, filósofo tornado economista, e cuja voz, aqui, no Colégio, se fêz ouvir infelizmente durante tão poucos anos. O que êle descobriu das crises e dos ritmos da vida material dos homens tornou possível a obra extraordinária de Ernest Labrousse, a mais nova contribuição à História destes últimos vinte anos. Veja-se também o que a História das civilizações pôde reter do ensino prestigioso de Marcel Mauss, uma das glórias mais autênticas do Colégio de França. Quem, melhor do que êle nos ensinou, a nós historiadores, a arte de estudar as civilizações nas suas permutas e nos seus lados percíveis, a segui-las nas suas realidades rudimentares, fora desta zona de excelência e de qualidade em que a História de ontem, ao serviço de tôdas as vedetas do dia, se comprazeu demasiado tempo e demasiado exclusivamente? Poderei dizer, enfim, pessoalmente, o que a sociologia de Georges Gurvitch, os seus livros e mais ainda as suas brilhantes conversas puderam trazer-me de incitações a pensar e de novas orientações?

Não é necessário multiplicar os exemplos para explicar como a História, durante êstes últimos anos, se enriqueceu com as aquisições e a substância das suas vizinhas. Na verdade, podemos dizer que, a partir desse enriquecimento ela constituiu para si própria um corpo novo.

*

* *

Entretanto seria preciso convencer disso os próprios historiadores, prejudicados pela sua formação, algumas vezes também pelas suas admirações. Acontece muitas vezes que, sob a influência de fortes e ricas tradições, toda uma geração atravessa o tempo útil de uma revolução intelectual sem nela participar. Acontece também, felizmente, acontece quase sempre que alguns homens sejam mais sensíveis, mais aptos que outros em perceber estas correntes novas do pensamento do seu tempo. É evidente que foi um momento decisivo, para a História francesa, a fundação, em 1929, em Estrasburgo, por Lucien Febvre e Marc Bloch, dos **Annales d'histoire économique et sociale**. Permitam-me que fale desta revista com admiração

e reconhecimento, pois trata-se de uma obra, rica de mais de vinte anos de esforços e de sucessos, em que eu não sou mais do que um operário da segunda hora.

Hoje, nada mais simples do que sublinhar e fazer compreender a originalidade vigorosa do movimento na sua origem. Lucien Febvre escrevia no tôpo da sua jovem revista:

“Ao passo que aos documentos do passado os historiadores aplicam os seus bons velhos métodos experimentados, homens cada vez mais numerosos consagram, por vêzes febrilmente, a sua atividade ao estudo das sociedades e das economias contemporâneas... Seria ótimo, evidentemente, se cada um, praticando uma especialização legítima, cultivando laboriosamente o seu jardim, se esforçasse não obstante em seguir a obra do vizinho. Mas os muros são tão altos que muitas vêzes tapam a vista. Que sugestões preciosas, no entanto, sôbre o método e sôbre a interpretação dos fatos, que proveitos de cultura, que progresso na intuição nasceriam entre êstes diversos grupos, se houvesse trocas intelectuais mais freqüentes! O futuro da História... é a êste preço, e também a justa inteligência dos fatos que amanhã serão a História. E' contra êstes cismas perigosos que entendemos devermos nos opor...”

Repetiríamos, hoje, de boa vontade, estas palavras que não convenceram ainda todos os historiadores individualmente, mas que marcaram tôda a jovem geração, quer ela o queira ou não. Quer ela o queira ou não, pois os **Annales** foram acolhidos, como tudo o que é forte, por vivos entusiasmos e hostilidades obstinadas, mas tiveram, têm sempre por êles, a lógica do nosso mister, a evidência dos fatos, e o incomparável privilégio de estar na vanguarda da pesquisa, ainda que esta pesquisa seja aventureira...

Não vale a pena falar, aqui, perante um público de historiadores, dêste longo e múltiplo combate. Também é supérfluo falar-vos da amplidão, da diversidade, e da riqueza da obra do meu ilustre predecessor: todos conhecem de Lucien Febvre, o seu **Philippe II et la Franche-Comté, La terre et l'évolution humaine, Le Rhin, Luther**, o seu magnífico livro sôbre **Rabelais et l'incroyance religieuse au XVIe siècle**, e, último em data, êste fino estudo sôbre **Marguerite de Navarre**. Insistirei, em contrapartida, sôbre os inúmeros artigos e as inúmeras cartas que são, digo-o sem hesitar, a sua maior contribuição intelectual e humana ao pensamento e às discussões do seu tempo. Foi por êste meio que êle abordou livremente todos os assuntos, tôdas

as teses, todos os pontos de vista, com esta alegria de descobrir e de fazer descobrir à qual não puderam ficar insensíveis todos os que o conheceram de perto. Seria impossível estabelecer a conta exata de tôdas as idéias desta maneira, prodigalizadas, por êle difundidas, e nem sempre o acompanhamos nas suas ágeis viagens.

Só êle teria sido capaz, seguramente, de fixar a nossa rota no meio dos conflitos e dos acordos da História com as ciências sociais vizinhas. Ninguém melhor do que êle poderia dar confiança ao nosso trabalho, à sua eficácia... "Viver a História", tal é o título de um dos seus artigos, um belo título e um programa. A História, para êle, nunca foi um jôgo de erudição estéril, uma espécie de arte pela arte, de erudição auto-suficiente. Encarou-a sempre como uma explicação do homem e do social, a partir desta coordenada preciosa, sùtil e complexa — o tempo — que só nós, historiadores, sabemos manejar, e sem a qual nem as sociedades nem os indivíduos do passado ou do presente retomam o ritmo e o calor da vida.

Foi sem dúvida providencial, para a História francesa, que Lucien Febvre, sendo particularmente sensível aos conjuntos, à História total do homem, visto sob todos os seus aspectos, tendo embora compreendido com lucidez as possibilidades novas da História, não tenha sido menos capaz, ao mesmo tempo, de sentir, com a cultura requintada de um humanista, e de exprimir fortemente, o que houve de particular e de único em cada aventura individual do espírito.

Todos nos apercebemos do perigo de uma História social: o esquecer, na compreensão dos movimentos profundos da vida dos homens, cada homem em luta com a sua própria vida, com o seu próprio destino; o esquecer, o negar talvez, o que cada indivíduo tem sempre de insubstituível. Porquê contestar o papel considerável que quisemos dar a alguns homens abusivos na gênese da História, não é certamente negar a grandeza do indivíduo, como indivíduo, e o interêsse para um homem de se debruçar sôbre o destino de um outro homem.

Dizia-o há pouco, os homens, mesmo os maiores, não nos parecem tão livres quanto o julgaram os historiadores que nos precederam, mas o interêsse da sua vida não ficou por êsse fato diminuído, pelo contrário. E a dificuldade não está em conciliar, no plano dos princípios, a necessidade da História individual e da História social; a dificuldade está em ser capaz de sentir uma e outra ao mesmo tempo, e, apaixonando-se por uma, não desdenhar a outra. E' um fato que a

História francesa, comprometida por Lucien Febvre no caminho dos destinos coletivos, nunca se desinteressou, um só momento, dos cumes do espírito. Lucien Febvre viveu com paixão e obstinação junto de Lutero, de Rabelais, de Michelet, de Proudhon, de Stendhal; é uma das suas originalidades nunca ter renunciado à companhia destes autênticos príncipes. Penso particularmente no mais brilhante dos seus livros, no seu *Luther*; onde suspeito que êle quis dar-se por um instante o espetáculo de um homem verdadeiramente livre dominando o seu destino e o destino da História. E como tal, seguiu-o somente durante os primeiros anos da sua vida revoltada e criadora até ao dia em que se torna a fechar sôbre êle, de maneira implacável, o destino da Alemanha e o do seu século.

Não creio que esta viva paixão do espírito tenha levado Lucien Febvre a uma qualquer contradição. A História, para êle, permanece uma emprêsa prodigiosamente aberta. Resistiu sempre ao desêjo, no entanto natural, de ligar o feixe das suas novas riquezas. Construir, não será sempre restringir? E eis porquê, se não me engano, todos os grandes historiadores da nossa geração, os maiores e por consequência os mais fortemente individualizados, se sentiram à vontade na luz e no impulso do seu pensamento. Não preciso acentuar o que diferencia as obras capitais, cada uma à sua maneira, de Marc Bloch, de Georges Lefebvre, de Marcel Bataillon, de Ernest Labrousse, de André Piganiol, de Augustin Renaudet. Não é estranho que elas possam, sem esforço, conciliar-se com esta História entrevista, e em seguida conscientemente proposta, há mais de vinte anos?

E' talvez êste feixe de possibilidades que dá a sua força à escola histórica francesa de hoje. Escola francesa? um francês ousa apenas pronunciar esta palavra e, quando a pronuncia, sente, imediatamente, tantas divergências internas, que hesita repeti-la. E no entanto, vista do estrangeiro, a nossa situação não parece tão complexa. Um jovem professor inglês escrevia ultimamente:

“Se uma nova inspiração deve penetrar o nosso trabalho histórico, é da França que muito verossimilmente ela pode vir-nos: a França parece dever preencher no século presente o papel que teve a Alemanha no anterior...”.

Será preciso dizer que juízos como êste só nos podem trazer encorajamento e orgulho? Dão-nos também o sentimento

de um fardo excepcional de responsabilidade, a inquietação de não ser digno de tal juízo.

*
* *
*

Senhor Administrador, meus caros Colegas, esta inquietação que pareço ter encontrado, um pouco por acaso, nos últimos instantes da minha conferência, sabeis bem que ela já me acompanhava antes mesmo de ter pronunciado a primeira palavra. Quem não se inquietaria, em si próprio, de vir ocupar um lugar nesta casa? Felizmente a tradição é boa conselheira; oferece pelo menos três refúgios. Ler a sua conferência, e é, confesso-o, a primeira vez na minha vida que a isto me resigno: será que isto não revela bastante a minha perturbação? Refugiar-se atrás de um programa, ao abrigo das nossas mais caras idéias: claro que o refúgio nos esconde mal. Em seguida, evocar as nossas amizades e as nossas simpatias para nos sentirmos menos nós. Estas simpatias e estas amizades, estão bem presentes na minha lembrança reconhecida: simpatias ativas dos meus colegas dos Altos Estudos, para onde fui chamado há quase quinze anos; simpatias ativas dos meus colegas em História, meus maiores ou meus contemporâneos, que não me desampararam, na Sorbonne especialmente, onde tive tanto prazer em conhecer, graças a essas simpatias, a juventude dos nossos estudantes. Outras, aqui, muito queridas, velam por mim.

Fui conduzido para esta casa pela extrema benevolência de Augustin Renaudet e de Marcel Bataillon. Sem dúvida, porque, apesar dos meus defeitos, pertenco à pátria estreita do século XVI e que muito amei e amo de coração puro, a Itália de Augustin Renaudet, e a Espanha de Marcel Bataillon. Não me levaram a mal o fato de ser, em relação a êles, um visitante da tarde: a Espanha de Filipe II já não é a de Erasmo, a Itália do Ticiano ou do Caravaggio já não tem, para a iluminar, as inesquecíveis luzes da Florença de Lourenço-o-Magnífico e de Miguel Angelo... O declínio do século XVI! Lucien Febvre costuma falar dos tristes homens de após 1560. Tristes homens, sim, sem dúvida, êstes homens expostos a todos os golpes, a tôdas as surpresas, a tôdas as traições dos outros homens e do destino, a tôdas as amarguras, a tôdas as revoltas inúteis... À volta dêles e nêles próprios, tantas guerras inexpíaveis... Ah! êstes tristes homens assemelham-se-nos como irmãos.

Grças a vós, meus caros colegas, a cadeira de História da Civilização Moderna, restaurada em 1933, terá sido preservada e cabe-me a honra de assegurar a sua continuidade. Honra muito pesada. Amizades, simpatias, boa vontade, fervor que sentimos no nosso íntimo, nada pode impedir o receio, em boa consciência e sem falsa humildade, de suceder a um homem sôbre o qual repousa, ainda hoje, a tarefa imensa que eu defini, à margem dos seus livros, no sulco mesmo do seu pensamento infatigável, ao nosso grande e querido Lucien Febvre, através do qual, durante anos, para glória desta Casa, se fêz ouvir de nôvo a voz de Jules Michelet, que poderíamos pensar para sempre silenciosa.

FERNAND BRAUDEL

do Colégio de França.